

O MICO-LEÃO-PRETO PODE ESCAPAR À EXTINÇÃO ?

Texto de Liana John

Fotos AE

A dedicação de alguns conservacionistas e pesquisadores traz alguma esperança para o mico-leão-preto, um dos primeiros na lista dos primatas ameaçados de extinção, conforme a União Internacional para a Conservação da Natureza, IUCN. O mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*) é natural de São Paulo, o estado brasileiro mais desenvolvido e um dos mais desmatados. A espécie pertence ao mesmo gênero do famoso mico-leão-dourado, que vive nas matas de restinga do Rio de Janeiro; do mico-leão caiçara, descoberto no ano passado, no estado do Paraná; e do mico-leão-da-cara-dourada, dos remanescentes de mata da Bahia.

Até 1990, as estimativas eram de que ainda existiam cerca 400 mico-leão-pretos, em estado selvagem, no Parque Estadual do Morro do Diabo. Outros 100 micos vivem em cativeiro, no Zoo de São Paulo e no Centro de Primatologia do Rio de Janeiro. Este ano, um levantamento nas maiores reservas particulares de mata de São Paulo já acrescentou seis novos grupos de mico-leão-pretos às estimativas dos cientistas. O levantamento está sendo feito pelo engenheiro florestal Laury Cullen Jr e deve prosseguir até o final do ano. "Em 1992, se conseguirmos recursos, vamos analisar o sangue dos novos animais e tentar manejar os grupos selvagens para efetivar casamentos cruzados", explica Cullen Jr, cujo trabalho depende de doações de particulares e fundações internacionais e da boa vontade dos fazendeiros.

A existência dos novos grupos traz esperança para a recuperação da diversidade genética dos mico-leão-pretos. Pelas análises de sangue preliminares, os micos anteriormente recenseados, que vivem no parque e em cativeiro, apresentam grau zero de diversidade genética. Isso significa que têm uma alta taxa de consanguinidade e, conseqüentemente, a sobrevivência de longo prazo de toda a espécie está ameaçada. A relação entre a consanguinidade e a ameaça de extinção de uma espécie é sempre direta: animais com grau de diversidade zero podem morrer todos ao mesmo tempo se, por exemplo, uma mudança drástica no habitat ou no clima acontecer. Animais geneticamente diferentes tem chances diferentes de sobreviver a adversidades.

Os genes dos micos recém-encontrados ainda não foram analisados, mas a descoberta aumenta as chances de haver diversidade uma vez que eles estão isolados há muito tempo, em ilhas de mata cercadas de culturas por todos os lados. Por isso a descoberta traz novas esperanças na luta contra a extinção.

Um pouco de história

Os mico-leão-pretos foram considerados extintos em 1905, última data em que um exemplar da espécie foi coletado para "viver" empalhado em museus. Mas em 1973, depois de muito procurar, o primatologista Adhelmar Coimbra Filho conseguiu localizar alguns grupos no Pontal do Paranapanema, no oeste de São Paulo, numa antiga Reserva Florestal Estadual. Coimbra Filho levou 5 micos para o Centro de Primatologia do Rio de Janeiro e iniciou os estudos para reprodução em cativeiro. Mais tarde, outros micos também foram levados para o Zoológico de São Paulo.

Paralelamente, os esforços no sentido de manter intacto o habitat dos micos, no Pontal do Paranapanema, foram minados por constantes invasões nos 248 mil hectares originais da reserva. Entre os invasores não estavam apenas agricultores sem-terras mas muitos fazendeiros ricos e até donos de grandes empresas, que acabaram conseguindo titulação através de negociações políticas.

Os desmatamentos do início do século até os anos 70 terminaram por isolar uma área de 37 mil hectares - a Reserva Estadual de Morro do Diabo - onde os micos sobreviveram à destruição do habitat. A reserva foi demarcada depois de muita luta política, mas no início da década de 80 ainda perdeu 3 mil hectares para a represa de Rosana, feita pela Centrais Elétricas de São Paulo, CESP.

"Pode parecer estranho, mas essa inundação dos 3 mil hectares é que viabilizou a transformação da reserva em parque, com maiores possibilidades de proteção ao ecossistema que abriga o mico-leão-preto", observou Hélio Ogawa, do Instituto Florestal. Ao invés de receber uma indenização comum da CESP, o Instituto Florestal negociou um convênio, através do qual se implantou a infra estrutura necessária para administrar bem a área, prevenir incêndios e fiscalizar. Com isso, o Parque Estadual Morro do Diabo é um dos raros, em todo o Brasil, onde existe um mínimo de estrutura, funcionários e guardas florestais.

Garantida uma certa estabilidade do ecossistema, restava estudar os hábitos dos animais e a melhor maneira de salvar a espécie. E o estudo vem sendo realizado pelo biólogo Cláudio Pádua desde 1982 e, neste último ano, também por Laury Cullen Jr.

Pádua já havia trabalhado com os micos no Centro de Primatologia do Rio de Janeiro, junto com Coimbra Filho. Agora vem tentando colocar as mais modernas teorias de conservação a serviço da espécie. "Venho sistematicamente percorrendo todos os passos necessários à conservação, que, afinal de contas, é o que interessa", disse Pádua, antes de ir aos Estados Unidos trabalhar em sua tese sobre os micos.

Passo a passo, o caminho da salvação

O primeiro passo para garantir a sobrevivência dos mico-leão-pretos, segundo Pádua, era verificar se não haviam outros locais de ocorrência da espécie no interior do estado. O cientista percorreu entre 1982 e 1983, todo o oeste e sudoeste do estado, sem novidades. Fora do Morro do Diabo, só encontrou um grupo pequeno de micos numa pequena mata preservada por um fazendeiro, em Gália, hoje já transformada na Estação Ecológica de Caetitus. O levantamento de Pádua, financiado por particulares, só teve seguimento no ano passado, com a chegada de Cullen Jr, que passou a investigar as maiores e mais preservadas ilhas de mata a partir da análise de imagens de satélite.

"Com base nas informações sobre o tamanho do território usado pelos micos dentro do parque, selecionamos algumas matas de particulares nas proximidades, que tinham tamanho para abrigar e alimentar os micos e estavam razoavelmente preservadas", conta Cullen. "Passei a visitar essas matas e, com a colaboração dos fazendeiros, acabei localizando tres famílias de micos". O pesquisador visitou ainda uma grande área de reflorestamento de eucaliptos, com corredores de mata nativa, em Lençóis Paulistas, e encontrou mais tres grupos da espécie, num total aproximado de 30 animais, entre os seis grupos.

O segundo passo para a salvação era analisar o sangue dos animais conhecidos, para avaliar o grau de diversidade genética da espécie, já que a diversidade é o termômetro da extinção. O sangue dos animais do parque e dos de cativeiro foram analisados e apresentaram alta consanguinidade. A expectativa agora gira em torno dos novos grupos localizados. Por enquanto ele estão recebendo rádio-transmissores e tatuagens para localização. Espera-se ter amostras de sangue para análise genética no início do próximo ano.

Até lá, é importante garantir as ilhas de mata onde eles foram encontrados. Os tres grupos de micos localizados no reflorestamento estão bastante seguros, pois os proprietários não pretendem derrubar os corredores de mata nativa e o manejo dos eucaliptais respeita a vida silvestre ali presente. Nas tres outras reservas particulares, porém, a segurança é precária.

Na fazenda Ribeirão Bonito, no Pontal do Paranapanema, a área é pequena - 100 hectares - e cercada por plantações de algodão. No Brasil costuma-se usar muito veneno no cultivo do algodão e, indiretamente, há riscos de intoxicação para os micos. "Tenho a impressão que a mata já não é suficiente para alimentar o grupo", acredita Laury Cullen Jr., deduzindo isso depois de observar a morte de dois filhotes, na família que ali se encontra. É possível que os animais estejam buscando alimento fora da mata, daí o risco de contaminação.

A mata da fazenda Rosanella, também localizada no Pontal, tem sido castigada pelo fogo e também está próxima de culturas de algodão. Mas a área de mata é maior e é possível que os micos sobrevivam só com alimentos silvestres. A reserva particular de Rosanella

tem 300 hectares de mata boa e outros 500 de vegetação degradada, igualmente utilizada pelos animais.

Na terceira mata, da fazenda Tucano, de propriedade do grupo Camargo Correa, os micos estão mais ameaçados: um acordo entre a empresa e o governo estadual, para assentamento de agricultores sem-terras, pôs em risco parte da mata habitada por eles. " Fizemos várias gestões junto ao governo estadual, no sentido de evitar que a mata seja derrubada", diz o ambientalista Djalma Weffort, em nome de 6 entidades ecológicas da região. "O Pontal do Paranapanema tem muitas terras improdutivas já desmatadas: não é necessário ceder para assentamento agrícola nenhuma das poucas áreas de mata intacta, e muito menos esta, habitada pelos micos".

O Secretário Estadual do Meio Ambiente, Alaor Caffé Alves, recebeu pessoalmente a reivindicação dos ambientalistas e prometeu tomar providências. O assentamento agrícola foi temporariamente suspenso, mas ainda não se tomou uma decisão final.

Educação ambiental

Para evitar conflitos desse gênero e manter todos os micos fora de perigo, ainda é preciso dar prosseguimento a um exaustivo programa de educação ambiental, iniciado por Suzana Machado Pádua, no Parque Estadual de Morro do Diabo. Ela começou o trabalho de educação com as crianças das escolas estaduais e municipais. Mais de 1.500 crianças visitaram o parque, cuja sede foi toda preparada para atividades educativas. Graças a ela, que também está defendendo sua tese nos Estados Unidos, o mico-leão-preto hoje faz parte do universo infantil da comunidade local. Uma avaliação feita através de redações escolares, por exemplo, demonstrou que as crianças já não pensam em tirar os animais da mata para ser mascotes e falam na sua importância para a manutenção da mata. Já os vizinhos do parque e os fazendeiros ainda tem muito a aprender sobre a convivência com um animal tão ameaçado.

Para embasar as negociações com eles e para garantir a própria espécie, estudos da ecologia e comportamento dos animais na natureza também são indispensáveis. Durante quase tres anos, Cláudio Pádua seguiu grupos de micos selvagens em Morro do Diabo e anotou tudo o que pode observar: o que eles comem, como se relacionam, quantos filhotes nascem, etc. Os dados colhidos pelo biólogo integrarão sua tese de doutorado na Universidade de Gainesville, na Flórida. E vão servir de base para futuras reintroduções dos micos de cativeiro na natureza, a exemplo do que já é feito com os mico-leão-dourados.

"Também pretendemos reestruturar o habitat, para aumentar e garantir a sobrevivência das populações selvagens", defende Cláudio Pádua. "O mico-leão-preto não é muito exigente, ele até pode viver em áreas um pouco degradadas, desde que tenha ocos de árvores onde se abrigar e o que comer". Os alimentos preferidos pela espécie são larvas e insetos, como bicho-pau, e frutas nativas, como jabuticaba do mato, pindaíba e gabioba. Cada família de micos - com uma média de 4 integrantes - precisa cerca de 133 hectares de mata,

quase tres vezes mais do que ocupam o mico-leão-dourado (48 hectares) e o mico-leão-da-cara-dourada (40 hectares).

A reunião e bom uso de todas essas informações mais os esforços desses cientistas em garantir a preservação do habitat natural dos micos abre caminho para um futuro manejo dos grupos existentes. O próximo passo seria "arranjar" os casamentos entre micos de cativo e selvagens e entre micos de grupos distintos. Assim diminuiria a consanguinidade e multiplicar-se-iam as áreas povoadas por estes animaizinhos e suas chances de sobrevivência.

DICAS PARA PRODUZIR UM MAPA DOS MICOS

1. O mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*) ocupava originalmente boa parte da mata atlântica do interior, no oeste e sudoeste do estado de São Paulo. Devido ao intenso processo de desmatamento e ocupação, hoje só uma área grande abriga a espécie: o Parque Estadual Morro do Diabo (37.000 hectares). As outras matas são ilhas, isoladas por culturas e pastagens: a Estação Ecológica de Caetitus (1.900 hectares), tres fazendas no Pontal do Paranapanema e o reflorestamento de Lençóis Paulistas.
2. O mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*) distribuía-se por quase todas as matas de restinga do Rio de Janeiro, mas também foi expulso pelos desmatamentos e ocupação humana. Hoje ele se concentra em ilhas de mata entre a capital fluminense e a cidade de Campos. A população selvagem conhecida - de cerca de 400 micos - vive na Reserva Biológica de Poço das Antas e em algumas matas particulares próximas.
3. O mico-leão-de-cara-dourada (*Leontopithecus chrysomelas*) vivia nas matas de restinga do Recôncavo Baiano e também está desaparecendo devido à destruição do habitat. O maior número de micos dessa espécie concentra-se na Reserva Biológica de Una, onde estima-se que existam cerca de 500 deles.
4. O mico-leão-caiçara (*Leontopithecus caissara*) foi descoberto no ano passado, no Parque Estadual de Superagui, no Paraná. Não se sabe ao certo a região que ocupava e alguns cientistas até acreditam que o caiçara seja uma sub-espécie de mico-leão-preto. Não há estimativas sobre a quantidade de animais em estado selvagem e não existem exemplares dessa espécie em cativo. O único mico-leão-caiçara vivo encontrado em Superagui era mascote de uma índia guarani.